XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

A ASCENÇÃO DA MEMÓRIA EM UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Sandro Rodrigues da Silva
Artur Cesar Isaia (orientador)
UNILASALLE

Resumo

Este artigo é parte integrante de uma dissertação e tem como objetivo contribuir para a discussão de como os rituais no Candomblé fundamentam-se e são atualizados na memória. O método utilizado foi a revisão bibliográfica de natureza aplicada.

Palavras-chave: Memória, Candomblé, Ressignificação.

Área Temática: PPG em Memória Social e Bens Culturais

1. Introdução

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa de dissertação e tem como objetivo principal contribuir para a discussão de como os rituais no Candomblé fundamentam-se e são atualizados na memória. O método utilizado em vias de procedimento foi a revisão bibliográfica de natureza aplicada. Encontra-se neste estudo uma síntese conceitual das relações encontradas em um terreiro de Candomblé sob o enfoque da memória como construção social e suas influências nos fundamentos candomblecistas, utilizando como fio condutor as publicações de Halbwachs (2006) e Prando (2005), respectivamente. Sendo um tentáculo de um estudo maior, este artigo instiga a continuidade de pesquisa sobre a amplitude conceitual da memória e seu papel na ressignificação da construção social mnemônica. A associação de outros conceitos e o entrelaçamento dos campos religioso, cultural e identitário são exemplos de ligações iminentes da discussão dentro do Candomblé, quando emergida a memória e sua contribuição na manutenção dos rituais.

A contribuição da cultura negra para a formação identitária e cultural do Brasil tornou-se evidente quando suas influências adentraram a música, a dança, a culinária, a linguística e, não menos importante, as crenças religiosas. Assim, pretende-se desenvolver a pesquisa de mestrado no terreiro de Candomblé Axé Ogunjá, localizado na cidade de Gravataí no estado do Rio Grande do Sul RS.

Considerando este contexto e algumas obras de Reginaldo Prandi, também utilizadas como fui condutor deste trabalho, não seria equivocado elencar as raízes dos centros religiosos de influências africanistas como polos de preservação da memória e da cultura originária candomblecista no país, pois permitem resgatar traços de identidade que por muitos anos permaneceram oprimidos.

Investigar um fenômeno de estudo exige uma reflexão epistemológica sobre determinado tema. Para tal, escolhe-se um objeto de estudo que abranja motivações acadêmicas, sociais e pessoais.

A oportunidade de desenvolver uma reflexão a partir da práxis da memória candomblecista e suas ramificações evidenciou-se junto às contribuições de pesquisas já publicadas na área, o que ressaltou a importância de ater-se a este estudo e seu escopo e escolher o tema: “a memória em um terreiro de candomblé considerando sua ancestralidade.”

Para esta pesquisa, propõe-se como objetivo uma reflexão a partir do campo de estudo de Memória Social que possa contribuir para a discussão de como os rituais no Candomblé

ISSN 1983-6783

fundamentam-se e são atualizados na memória. Já a problemática contempla uma discussão articulada totalmente ao Programa de Pós-Graduação ao qual se vincula. Justificando-se que, através de estudos já publicados, é impossível pensar o Candomblé abstraindo-se dele a memória. O Candomblé é uma religião marcada pelas narrativas orais e pela preservação da memória.

Observa-se uma relevância social para com a comunidade que integra este centro africanista que servirá de cenário para o desenvolvimento da pesquisa, evidenciando suas memórias, ressignificações e reforçando sua cultura através da religião.

Através do objetivo geral, possibilita-se ramificar outros objetivos, abrindo oportunidade para originarem-se outros projetos que poderão dar continuidade à pesquisa e cada vez mais aprofundar tal campo de estudo.

2. A ascensão da memória

A prática da pesquisa integrada a um estudo interdisciplinar permite melhor compreender o sentido social da palavra memória utilizada através de diversas abordagens costuradas no sentido de conceber novos conhecimentos e contribuições. Para este entendimento, inicia-se esta revisão bibliográfica através da explicitação e apresentação de alguns autores, avaliados como importantes, na compreensão da construção social da memória e sua apreensão interdisciplinar pertinente a este estudo.

Ao explorar o significado de memória enquanto parte integrante da construção social e coletiva não se pode deixar de mencionar o filósofo visionário Maurice Halbwachs (1877 – 1945), pois ele é considerado como o pioneiro no estudo da memória enquanto construção social e as suas relações com o espaço e o tempo. Neste sentido, pontua que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Halbwachs deixa claro que a memória coletiva é a base para todas as outras memórias e que só consegue-se lembrar de um fato individual, através de referências coletivas.

Reportando-se ao fato de que o contexto da pesquisa foca-se em um terreiro de Candomblé, percebe-se que há a explícita relação dos sujeitos em uma construção coletiva baseada na ancestralidade herdada ou absorvida. Assim, o nosso objeto de pesquisa torna ainda mais explícito o embasamento social da memória proposto por Halbwachs: “Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles”. (HALBWACHS, 2006, p. 39) Esta ancestralidade permanece latente e valorizada pela memória dos mais velhos, dando continuidade aos ritos e mitos na oralidade organizada pela forte hierarquia distribuidora de poderes simbólicos naquele grupo.

Para Prandi (2005) o Candomblé é uma religião essencialmente estruturada pela memória, pelo tempo mítico e pela oralidade como elementos constitutivos de orientação de conduta e fonte de valores dos ancestrais. Como ancorado no tempo mítico, o Candomblé insere-se em uma lógica temporal diferente da que rege a sociedade capitalista. Reafirmando-se no Candomblé “o tempo da tradição, da permanência, da ancestralidade”. (PRANDI, 2005, p. 169)

Considerando a compreensão de que a memória é um elemento coletivo, passível de ressignificações constantes dos sujeitos que compartilham e reformulam esta construção, Halbwachs (2006, p. 41), ajuda a elucidar mostrando “que se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que vemos ainda agora no momento em que recordamos”.

Relacionar a memória individual à memória coletiva necessita compreender, simplificadamente, que a memória coletiva pode ser entendida como sendo um conjunto de memórias individuais compartilhadas em determinado espaço e recorte de tempo, em que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda [...] as relações que mantenho com outros ambientes”. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Para a adoção da memória como um compartilhamento de acontecimentos que resulta numa fonte de lembrança coletiva, sob um sentido social e “que venha assim a reforçar e

ISSN 1983-6783

complementar a nossa [...] é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem meu passado". (HALBWACHS, 2006, p. 98)

Após o pioneirismo de Halbwachs, outros autores também desenvolveram trabalhos na área de memória social, inclusive, introduzindo novos conceitos interligados a esta construção, ora coletiva, ora individual. Michel Pollak (1948 – 1992) aborda a memória social como um conjunto de acontecimentos individuais e coletivos vividos pessoalmente, integrados a um sentimento de pertencimento (POLLAK, 1992).

Em um terreiro de Candomblé este sentimento de pertencimento é o que destaca a identificação ou a projeção com cultura afro-candomblecista. Para Pollak (1992), esta identidade ou projeção é despertada por acontecimentos, pessoas, personagens, lugares e vestígios na construção do fenômeno chamado memória, que por sua vez, "é um elemento constituinte do sentimento de identidade". (POLLAK,1992, p.204)

Ainda pensando a relação entre a dimensão individual e social da memória e sua relação com identidade, Pollak (1992) mostra como cada experiência vivenciada está, intrinsicamente, relacionada a uma percepção de identidade. Conseguinte, cada momento efetivado relaciona-se ao futuro através da construção de uma nova possível memória representada e preservada através de narrativas de acontecimentos que "tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa", ligados a sua identificação pessoal. (POLLAK, 1992, p.201)

A memória pode ser resgatada através de narrativas orais ou escritas, sendo que não há a necessidade, para confirmar ou recordar uma lembrança, de testemunhos materiais e sensíveis (HALBWACHS, 2006). Mas que, ao menos, existem muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Para elucidar a importância das narrativas orais na construção da memória social em um terreiro de Candomblé referencio coerentemente Prandi (2005, p.168-169), onde diz que "o passado mítico, coletivo, compartilhado de geração a geração, fornece à sociedade o sentido geral da vida, orienta a conduta e fornece valores para nortear a vida".

Pode-se compreender por Prandi (2005) que o processo de elaboração do Candomblé se dá através da ressignificação do passado que orienta a construção da memória e da identidade preservadas como fundamento religioso a partir de uma origem idealizada. Perfazendo-se nas narrativas orais, o Candomblé emerge como uma religião da oralidade, pois "é no passado remoto que se acredita estar a verdade do presente". (PRANDI, 2005, p.168)

A memória, também pode elencar três elementos constitutivos: acontecimentos vividos, acontecimentos presenciados e acontecimentos herdados (POLLAK, 1992). Entende-se como acontecimentos vividos como sendo aqueles vivenciados no âmbito pessoal, entendido como sujeito participante da memória. Ainda, mencionam-se como acontecimentos presenciados, aqueles que despertam sentimento de pertencimento, ao qual o sujeito participa de maneira indireta, presenciando ou observando o ocorrido, "vividos por tabela". (POLLAK, 1992, p.201) O último acontecimento relatado por Pollak é o herdado, que integra-se ao contexto do Candomblé no que tange às afinidades com a ancestralidade. Para Pollak (1992, p. 204), "quando se fala em memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade", são aqueles acontecimento incorporados pela memória, seja pela identificação com passado ou projeções de ressignificação para presente e futuro.

Halbwachs e Pollak não discordam nas abordagens apresentadas, pelo contrário, eles convergem. Mas cabe destacar que a identidade preserva tamanha contribuição à abordagem de Pollak que torna-se um elemento significante no entendimento da memória em seu processo de esquecimento, ressignificação, pertencimento e, não menos importante, como "um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução de si". (POLLAK, 1992, p.204)

Ainda considerando a analogia de Pollak a Halbwachs, o segundo enfatiza a explícita ligação da manutenção da memória individual dependente à memória coletiva e seu contexto de tempo e espaço, considerando que "o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente". (HALBWACHS, 2006, p.72)

ISSN 1983-6783

Elaborando-se o conceito de memória, ressalta-se Pierre Bourdieu (2007), que eleva o conceito de habitus como sendo a projeção das organizações sociais, fonte e arquivo de pensamentos motivadores que podem ser considerados como instrumentos de rememoração e, consequentemente, de ressignificação da organização social que "constitui um princípio gerador que impõe esquema durável e, não obstante, suficientemente flexível a ponto de possibilitar improvisações reguladoras". (BOURDIEU, 2007, p.XLI)

O habitus representa a reprodução das lembranças no presente através de ressignificações, tornando-se ordenamentos perduráveis e aplicáveis nos mais diversos átimos como fonte de percepção, apreciação e ação, constituindo "o fundamento mais sólido e melhor dissimulado da integração dos grupos ou das classes". (BOURDIEU, 2007, p.XLI)

Quando se percebe que a memória está constituída, a ligação entre sua consequência e sua causa, pode ser ressignificada através de um trabalho de continuidade e de manutenção, contemplando a coerência necessária para a formação do sentido de unidade (POLLAKI, 1992). Em consonância, articula-se que o habitus como sendo "sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes [...]". (BOURDIEU, 2007, p. XL).

Com uma abordagem, que pode ser considerada uma reafirmação à teoria de Halbwachs, o antropólogo Joël Candau, através de sua obra Memória e Identidade publicada em 2011, traz outras nuances para a construção social da memória e socializa sua decomposição conceitual em três qualidades sob o caráter de influência na construção da identidade, são elas: a protomemória, a memória de evocação e a metamemória.

Trabalhar com memória e ancestralidade em um terreiro de Candomblé envolve uma discussão e uma compreensão do individual e do social. Ou seja, precisamos compreender até que ponto se trabalha com memórias individuais stricto sensu ou sociais. Esta é uma das questões mais debatidas por quem estuda as relações memória/sociedade. O conceito de protomemória de Candau é fundamental para avançarmos nesta questão.

Para contextualizar o conceito de protomemória, retorna-se ao intelecto de Sergio Miceli, em sua introdução à coletânea de ensaios de Bourdieu (2007, p. xl) quando realça que "o habitus completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas". Ao exposto, Candau (2011, p. 23) relata que "o passado não é representado, mas age pelo corpo, ou mais exatamente, está presente agindo nas disposições que ele produziu".

A influência da memória no comportamento cotidiano, sem a necessidade de submeter-se às regras externas, classificada como inconsciente e que não se separa do corpo que a conduz, é traduzida por Candau como protomemória. Já segunda qualidade designada por Candau recebeu a nomenclatura de memória de evocação, trata-se da memória propriamente dita, que também é chamada de memória de alto nível, a qual se elenca à memoração irrefletida. Traz-se a terceira e última qualidade defendida por Candau na decomposição do conceito de memória, chamada de metamemória, faz uma desconstrução crítica direcionada às compreensões reducionistas à memória coletiva de Halbwachs (2003).

A conservação, manutenção e, porque não, a preservação da memória são processos instintivos e/ou manipulados que modificam a organização social, percepção de identidade e as condutas comportamentais, conforme já se constatou através dos argumentos dos autores supracitados. Estes processos complexos, construções, quando compreendidas na prática, são passíveis de visibilidade nos mais diversos grupos da sociedade.

O processo de elaboração do Candomblé se dá através da reconstrução do passado que orienta a construção da memória e da identidade preservadas como fundamento religioso a partir de uma origem idealizada perfazendo-se nas narrativas orais, pois o Candomblé é uma religião da oralidade (PRANDI, 2005).

Esta modificação da organização social pode ser observada nos terreiros de Candomblé, onde a "reconstrução da cultura negra no Brasil foi orientada, não sem a ocorrência de mudanças, acréscimos e perdas, por um processo que vislumbrava dar sentido à memória e à identidade do negro na diáspora". (PRANDI, 2005, p.168)

ISSN 1983-6783

Para este estudo, que integra a construção da memória e os conceitos de religião e ancestralidade, avalia-se indispensável a explanação sobre o entrelaçamento de conceitos. Os autores apresentados neste primeiro item de referencial teórico trouxeram conceitos e abordagens ao encontro da contribuição no entendimento da base teórica deste estudo elencado à sua linha de pesquisa.

3. Método

A pesquisa encontra-se na etapa de revisão bibliográfica, embasando o contexto de construção social da memória e sua relação evidenciada dentro de um terreiro de Candomblé. Tal passagem justifica-se através da apresentação parcial desta etapa e seus resultados neste artigo. Contudo, seguindo o cronograma do projeto de dissertação, a pesquisa classifica-se, com base em seus procedimentos técnicos como um estudo de campo de natureza aplicada e com base em seus objetivos como um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa.

> A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procura uma resposta que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. As fases da pesquisa de campo requerem em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 188).

Ainda dentro deste conceito e escolha de conceitos técnicos, para Oliveira (2000, p. 124), na exposição de seu conceito sobra a pesquisa de campo, indica que “não permite o isolamento e o controle das variáveis supostamente relevantes, mas possibilita o estabelecimento de relações consistentes sobre determinadas condições e eventos, observados e comprovados”.

De acordo com Johann et al. (2002 p. 61), sobre a escolha perante a pesquisa de campo, aponta-se que “deveria ser utilizada com mais frequência, pois cria uma integração da universidade com a comunidade. Toda pesquisa é de interesse social, existindo a necessidade desta relação”.

Segundo Gil (2008) as pesquisas exploratórias tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Pode-se dizer que este tipo de estudo tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Uma das características da pesquisa exploratória é possibilidade de utilização de uma variedade de procedimentos de coleta de dados, como entrevista, observação, análise de conteúdo etc., para o estudo, considerado parcialmente intensivo, de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem a aplicação de técnicas quantitativas probabilísticas de amostragem. (MARCONI E LAKATOS, 2006)

Gil (2008, p.41) afirma que a pesquisa exploratória envolve: “levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

Este estudo pretende pesquisar a costura de vários fatores existentes dentro de um Centro de Candomblé e suas contribuições para o entendimento da ancestralidade e suas subjeções oriundas das práticas ritualísticas e litúrgicas das plantas. Terá como público-alvo as autoridades a quem a religião confere poder de prescrever cuidados, manipular as ervas e aliviar as dores, observando os traços de hierarquia emergidos pela manutenção da memória.

Seguindo este norte, a unidade-caso refere-se à população pesquisada, são os limites do objeto da pesquisa, independentes da sua característica, pois se trata de uma construção intelectual. Justifica-se por Marconi e Lakatos (2006, p.225), “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”.

As técnicas utilizadas na coleta de dados serão entrevistas semiestruturadas, diário de campo, observações in loco, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica aplicada sobre o contexto da liturgia das plantas e nos rituais de cura praticados no terreiro de Candomblé estudado.

ISSN 1983-6783

> A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informação e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia (MARCONI; LAKATOS, 2006, p.192).

Para Marconi e Lakatos (2006), a pesquisa bibliográfica é um instrumento de coleta de dados restrito às fontes primárias (documentos escritos ou não). Esta pode ser realizada no momento ou depois em que o fenômeno ocorre.

A pesquisa bibliográfica (de fontes secundárias) como coletora de dados integra toda bibliografia já publicada sobre o tema abordado no estudo. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 185).

Para Oliveira (2000, p. 199) a pesquisa bibliográfica geralmente é realizada “em bibliotecas públicas, universidades e, especialmente, naqueles acervos que fazem parte do catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais [...], transformando-se rotina para o pesquisador que necessita de constante atualização”.

A análise de dados pode ser resumida como a etapa em que o pesquisador e organiza e distribui os dados coletados. Por tratar-se de um estudo de caso, a técnica de análise de dados utilizada será a análise de conteúdo com abordagem qualitativa.

Descrevendo a pesquisa de campo, afirma que este estudo “tende a utilizar variadas técnicas de coleta de dados, daí porque, nesse tipo de pesquisa, os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativos”. (GIL, 2008, p. 133)

> As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais. Além de apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formações de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2000, p. 117).

Gil (2008) indica a seguir alguns fatores que devem ser levados em consideração na análise qualitativa dos estudos de campo:

a) natureza dos dados coletados;
b) extensão da amostra;
c) instrumentos de pesquisa;
d) pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

4. Considerações Finais

O presente estudo visa contribuir para a produção de conhecimento específico da área, indo ao encontro da Lei nº 10.639, de 2003, que evidencia as diretrizes para a integração dos aspectos

ISSN 1983-6783

culturais afro nos currículos do ensino fundamental e médio. A Lei nº 10.639/2003 acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. Sendo que o primeiro artigo descreve as normas para acrescentar a história da África nos currículos de Ensino Fundamental e Médio; já o segundo artigo descreve a inclusão no calendário escolar o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Ressalta-se que o interesse de estudo integrado à linha de pesquisa de Memória, Cultura e Identidade deu-se pelas experiências profissionais adquiridas na área da docência como Tutor das disciplinas de Antropologia e Cultura, Desafios Contemporâneos e, também, como Monitor de disciplinas generalistas de Sociologia, Cultura Religiosa, Psicologia, Filosofia e Antropologia com conteúdos relacionados ao desenvolvimento histórico-social das diversidades culturais.

Espera-se que após o término da pesquisa, consiga-se contribuir para a discussão no entendimento da memória e seu papel na manutenção dos rituais candomblecistas, incluindo a liturgia das plantas e as práticas de cura. Sabe-se que a formação do Candomblé permanece em constante processo de transformação, onde cada terreiro possui suas ressignificações, valores e percepção de fé, por este motivo, destaca-se que este estudo, apesar de apresentar preceitos, rituais e características comuns a muitos terreiros, não evidencia uma única forma na interpretação destas mudanças, pois entende que estas mudanças são as próprias ressignificações integradas ao processo de construção da memória, da cultura e das raízes ainda presentes nestes chamados polos de preservação da fé de origem africanista.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CANDAU, Jöel**. Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

JOHANN, JORGE Renato (Coord.); DVORANOVSKI, Clovis; CHINAZZO, Cosme Luiz. et al. **Introdução ao Método Científico:** Conteúdo e forma do conhecimento. 3. ed. Canoas: ULBRA, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica:** Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In:_____ Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé:** Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Segredos Guardados:** Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.